

Nombre y Apellido: Marcos Tolentino

Afiliación institucional: Estudiante de Doctorado del Programa de Posgrado en Historia de la Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/Brasil).

Correo electrónico: marcosoat@hotmail.com

Título de la tesis: “O 16 de setembro sob a ótica da DIPBA – Dirección de Inteligencia de la Policía de la Provincia de Buenos Aires (1990-1996)”.

Institución y programa en que fue defendida: Programa de Posgrado en Historia de la Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/Brasil).

Fecha de la defensa: 29/08/2012.

Título obtenido: Magister en Historia/Mestre em História.

16 de setembro de 1976. Forças de segurança sequestram clandestinamente um grupo de estudantes secundaristas na cidade de La Plata, numa operação policial que resultou em diversos sequestros ao longo do mês de setembro, dentre as vítimas estavam: Francisco López Muntaner, María Claudia Falcone, Claudio de Acha, Horacio Ángel Ungaro, Daniel Alberto Racero, María Claudia Ciocchini, Pablo Díaz, Patricia Miranda, Gustavo Calloti e Emilce Moler.

16 de setembro de 1986. Num momento de retomada das atividades dos centros estudantis nos colégios secundaristas, a *Federación Juvenil Comunista* lançou na área metropolitana de Buenos Aires a *Frente 16 de septiembre*. A dez anos do ocorrido, os sequestros relacionados entre si formaram o que então se chamou de *La noche de los lápices*; um episódio emblemático tanto para a condenação dos responsáveis pelas violações aos direitos humanos cometidas durante a última ditadura civil-militar argentina (1976-1983), quanto para a rearticulação do movimento estudantil secundarista, que assumiu como urgente a luta pelo boleto estudantil secundarista, apontada então como o motivo do sequestro e do desaparecimento dos jovens *platenses*.¹

16 de setembro de 1996. Mais de três mil estudantes secundaristas e universitários marcharam pelas ruas de La Plata, da *Plaza San Martín* ao Ministério de Obras Públicas, como vinte anos antes fizeram os estudantes desaparecidos na luta pelo

¹ LORENZ, Federico. **Combates por la memoria: huellas de la dictadura en la historia**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2007, p.50; MANZANO, Valeria. “Cultura, política y movimiento secundario en la Argentina de la segunda mitad del siglo XX”. In: **Propuesta Educativa**. Buenos Aires, Flacso, n. 35, 2011, p. 48.

boleto estudantil secundarista, dessa vez reivindicando a revogação das *Leis de Indulto* e em defesa da educação pública.²

16 de setembro de 2006. Na cidade de La Plata, grupos estudantis e organizações de direitos humanos lideraram um ato em frente ao edifício onde funcionara o *Pozo de Banfield*, local no qual os estudantes *platenses* foram vistos com vida pela última vez. O objetivo do ato era pedir que o prédio fosse convertido num museu da memória, e afirmavam que os jovens desaparecidos lutaram não só pelo boleto estudantil secundarista, mas por um país mais justo.³

Na dissertação de Mestrado “O 16 de setembro sob a ótica da DIPBA – *Dirección de Inteligencia de la Policía de la Provincia de Buenos Aires (1990-1996)*”, desenvolvida entre março de 2010 e agosto de 2012 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob orientação do Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto, buscamos analisar as comemorações anuais em homenagem ao episódio repressivo da última ditadura conhecido como *La noche de los lápices*, entre os anos de 1990 e 1996. Nosso objetivo foi discutir as relações entre a sociedade e as instituições estatais argentinas com as memórias do episódio em questão e consequentemente com o passado ditatorial.

Ao lermos a exposição acima, podemos perceber que a rememoração desse caso tomo como sua uma data – o 16 de setembro. É importante ressaltarmos as ressignificações pelas quais a data passou ao longo de trinta anos: de marco inicial de um operativo repressivo clandestino, realizado sobre o manto do silêncio, da censura e da tentativa de esquecimento almejada pelos circuitos repressivos clandestinos; a momento privilegiado para a produção e circulação de memórias da última ditadura e de suas vítimas. Investigações produzidas anteriormente apontam que os motivos que fizeram com que *La noche de los lápices*, dentre tantos outros episódios repressivos, tornasse-se um emblema da repressão ditatorial. O fato de ter se constituído em torno dele uma memória narrativa constituída por representações que dialogavam diretamente com os processos hegemônicos de significação do passado ditatorial nos primeiros anos da democracia ajudaria a entender a sua repercussão pública. Repercussão que encontrou na publicação de um livro e no lançamento de um filme homônimos, vetores que garantiram que não fosse mais um caso que se restringiria às páginas do *Nunca Más* ou à Sala de Audiências do *Juicio a las Juntas*.

² “Los chicos salieron a la calle” (*Página/12*, 17/09/1996).

³ “Por la Noche de los lápices” (*Página/12*, 17/09/2006)

A partir da leitura desses trabalhos, a pergunta que colocamos é: como explicar a vigência desse episódio na memória coletiva da sociedade argentina ao ponto de formar parte do calendário anual de comemorações da última ditadura? Por se tratar de um momento que produz uma dinâmica particular na circulação social de memórias, buscamos responder tal questionamento num mapeamento das práticas de rememoração ocorridas anualmente no 16 setembro, um enfoque distinto da produção disponível que se voltou sobretudo para o testemunho de Pablo Díaz e para a sua veiculação no livro e no filme de 1986.⁴

Para analisar a produção e circulação de memórias em torno do episódio em questão sugerimos em nosso trabalho o uso da metáfora de *circuitos de memórias* que anualmente se formariam com a aproximação do 16 de setembro. Como abordagem historiográfica, o uso dos *circuitos de memórias* nos permitiu um distanciamento analítico do *dever de memória*, pois os *circuitos* refletem não apenas as múltiplas formas de representação e ressignificação do passado ditatorial, mas também as resistências encontradas para algumas delas, evitando uma reiteração da transmissão e circulação de memórias como um processo autônomo e canônico, em detrimento de uma interpretação desses processos como passíveis de problematizações.

Entre outubro e novembro de 2003, os jornais argentinos recorrentemente fizeram menção à abertura para a consulta pública de um arquivo de inteligência policial: o arquivo da antiga *Dirección de Inteligencia de la Provincia de Buenos Aires* (DIPBA), encontrado no prédio no qual se instalou a *Comisión Provincial por la Memoria*, em La Plata. Nas matérias publicadas, notamos uma ênfase na constatação de que a espionagem e vigilância à sociedade civil não teria terminado com o fim da mais recente ditadura: todos coincidem no fato de que demoraram quinze anos de democracia para que o órgão encerrasse suas funções, em 1998. Porém, as possibilidades de se pensar a ação de um órgão repressivo em tempos democráticos ficaram em segundo plano quando contrapostas às novas informações que o acervo da DIPBA supostamente poderia trazer para esclarecer o destino final dos desaparecidos. Além disso, algumas das reportagens trouxeram-nos a informação de que as marchas em comemoração ao

⁴ Ver: RAGGIO, Sandra. “Narrar el terrorismo de Estado. De los hechos a la denuncia pública: el caso de ‘la noche de los lápices’”. In: **Cuadernos del CISH**. La Plata, n. 17-18, 2005; LORENZ, Federico G. **Combates por la memoria: huellas de la dictadura en la historia**; RAGGIO, Sandra. “La noche de los lápices: del testimonio judicial al relato cinematográfico”. In: FELD, Claudia (comp.) [et.al.]. **El pasado que miramos: memoria e imagen ante la historia reciente**. Buenos Aires: Paidós, 2009 RAGGIO, Sandra. “La construcción de un relato emblemático de la represión: la ‘noche de los lápices’”. In: CRENZEL, Emilio (coord.). **Los desaparecidos en la Argentina: memorias, representaciones e ideas: 1983-2008**. Buenos Aires: Biblos, 2010.

episódio *La noche de los lápices* foram objeto de investigação a cada 16 de setembro. Dessa forma, abriram a possibilidade para a execução do nosso trabalho que encontrou como barreira inicial a dificuldade para encontrar fontes primárias que dessem conta das distintas iniciativas de rememoração que conformaram os *circuitos de memória*.⁵

A importância do arquivo da DIPBA para os estudos de história recente está na possibilidade que ele oferece para analisarmos a dinâmica de perseguição e registro realizados pelo Estado tanto em períodos democráticos quanto ditatoriais, permitindo assim analisar possíveis mudanças e continuidades em diferentes contextos políticos. Para a nossa proposta, a vigilância da DIPBA após o fim da ditadura é um demonstrativo de que, apesar de algumas instituições políticas terem sido retomadas a partir de 1983, na transição democrática argentina as forças de segurança estatais sofreram mudanças limitadas, pois algumas de suas agências já estavam consolidadas antes do golpe de março de 1976, passando então por pequenas mudanças. Nesse sentido, segundo Patricia Funes, durante a última ditadura civil-militar a DIPBA utilizou-se de uma infiltração que há quase vinte anos possuía na dinâmica político-social da Província de Buenos Aires e que com o golpe passou a alimentar sequestros e desaparecimentos na área que, a partir de 27 de abril de 1976, tornou-se responsabilidade do coronel Ramón Camps⁶ e onde funcionou o chamado *Circuito Camps*.⁷

Nosso levantamento documental no acervo da DIPBA apontou para a existência de uma pasta temática de título “*Mesa ‘A’ Estudiantil: Estudiantes Secundarios ‘La*

⁵ “La apertura de los archivos secretos de la policía provincial” (*Clarín*, 03/10/2003); “El archivo” (*Página/12*, 05/10/2003); “Los archivos de la maldita policía (*La Nación*, 12/10/2003); “Los archivos de la dirección de Inteligencia de la Policía de la Provincia de Buenos Aires” (*Clarín*, 30/11/2003)

⁶ FUNES, Patricia. “‘Secretos, confidenciales y reservados’. Los registros de las dictaduras en la Argentina. El Archivo de la Dirección de Inteligencia de la Provincia de Buenos Aires” In: QUIROGA, Hugo & TCACH, César. **Argentina 1976-2006, entre la sombra de la dictadura y el -futuro de la democracia**. Rosario: Homo Sapiens/Universidad Nacional del Litoral, 2006, p. 19.

⁷ A metáfora do *circuito* era geralmente utilizada para fazer referência aos centros clandestinos sob o comando de determinada força nos quais elas faziam circular os seus prisioneiros, seja para dificultar a sua localização, para utilizá-los em determinadas atividades realizadas em um dos centros ou para desmontar centros em funcionamento. Na Grande Buenos Aires e em La Plata, por exemplo, funcionou o chamado *Circuito Camps*, dependente da Polícia da Província de Buenos Aires, um dos maiores centros de operações do país, tanto pelo território geográfico que compreendia como pela densidade populacional que abarcava, baseando-se no funcionamento de mais de vinte centros clandestinos de detenção. Hoje sabemos que foram as *patotas* policiais de Camps, com a colaboração do Exército, os responsáveis pelos sequestros vinculados a *La noche de los lápices*. Ver: CAVIGLIA, Mariana. **Dictadura, vida cotidiana y clases medias: una sociedad fracturada**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006, p. 39; MANEIRO, María. “La Plata, Berisso y Ensenada. Los procesos de desaparición forzada de personas en el ‘Circuito Camps’”. In: Inés Izaguirre (comp.). **Luchas de clases, guerra civil y genocidio en Argentina 1976-1983: antecedentes, desarrollo, complicidades**. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

Noche de los lápices”, cujo conteúdo se referia às comemorações ocorridas entre os anos de 1990 e 1996. Apesar de inicialmente acreditarmos que encontraríamos documentação de anos anteriores, de 1984 a 1990, os seguidos pedidos de busca feitos aos peritos do Arquivo apontavam apenas para essa pasta e poucos documentos presentes em outras Mesas e Fatores. Por se tratar de um período ainda pouco trabalhado no Arquivo, o período pós-ditatorial, não excluímos a possibilidade da existência de mais documentos. Porém, o fato de haver uma pasta específica que durante seis anos sistematizou a informação reunida e produzida pelo trabalho de campo dos agentes policiais aponta-nos que, no contexto de sua produção, essa informação tinha uma importância que demandou a sua constituição. A organização do acervo da DIPBA segue um padrão temático que permitia que a sua informação fosse retroalimentada a partir da urgência de medidas preventivas.⁸ Além disso, o perfil do *outro* vigiado é historicamente datado, sobre os quais se produzem representações e estereótipos que os tornam suspeitos de delitos político-sociais de antemão e que expressam o lugar que o movimento social vigiado ocuparia na ótica do poder público.⁹

A partir da análise da documentação presente na levantamos uma hipótese inicial para a vigilância exercida durante as comemorações do 16 de setembro: o protagonismo do movimento estudantil, de grupos sindicais, dos partidos de esquerda e de organismos de direitos humanos. Todos são objetos de vigilância da DIPBA historicamente constituídos ao longo do seu funcionamento. Contudo, a ênfase dada nos informes ao *aniversário da denominada noche de los lápices* e aos discursos e demandas vinculados ao passado ditatorial fizeram-nos supor que o objeto de vigilância era o 16 de setembro *em si* e o *círculo de memórias* que se conformam com a chegada da data. O que os tornavam alvos de vigilância da DIPBA era o fato de que, nos primeiros seis anos do governo de Carlos Menem, havia um esforço oficial de *virar a página* da ditadura civil-militar, encerrando-a no passado, de maneira a viabilizar uma *reconciliação nacional* e se concentrar no *futuro* do país. Ao passado ditatorial e à sua permanência no espaço público era atribuído um sentido desagregador, como havia demonstrado as tensas

⁸ JASCHEK, Ingrid. “Informe de avance. Mesa Doctrina.”. La Plata: Comisión Provincial por la Memoria, 2003, p. 4; Da Silva CATELA, Ludmila. “Etnografía de los archivos de la represión en la Argentina”. In: FRANCO, MARINA & LEVÍN, Florencia. **Historia reciente: perspectivas y desafíos para un campo en construcción**. Buenos Aires: Paidós, 2007, p. 206-207.

⁹ FONTES, Paulo & NEGRO, Antonio Luigi. “Trabalhadores em São Paulo: ainda um caso de polícia.” In: AQUINO, Maria Aparecida de [et.al.]. **No coração das trevas: o DEOPS/SP visto por dentro**. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado 2001.

relações entre civis e militares ao logo do governo de Raúl Alfonsín.¹⁰ Logo, rememorar publicamente um episódio que fez parte desse passado, na visão da DIPBA, como o episódio conhecido como *La noche de los lápices*, poderia criar espaços de distúrbio da ordem política e cultural, questionando diretamente as *políticas de memórias* presidenciais e trazendo à tona os conflitos pela memória que elas tentavam apaziguar.

Tal concepção se expressa, por exemplo, numa preocupação recorrente dos agentes policiais ao acompanharem os atos públicos com possíveis desordens: os informes geralmente se encerram com frases como: *desconcentraram-se em perfeita ordem, a desconcentração ocorreu com total normalidade, não se produziram incidentes de nenhuma natureza durante o desenvolvimento da manifestação*. O acompanhamento da repercussão das comemorações nos meios de comunicação gira em torno, principalmente, dos incidentes ocorridos nelas, como, por exemplo, os enfrentamentos entre a Juventud Peronista e o C.E.S, em La Plata, em 1996.¹¹ Para um observador não contemporâneo a estes fatos, ao ler a documentação arquivada pela DIPBA, à primeira vista chamaria a atenção no 16 de setembro os limites que se colocam para que esta seja uma data pacífica, fugindo do caráter inicial de homenagem aos desaparecidos.

Em relação às memórias relativas a *La noche de los lápices* que circularam no *círculo de memórias* podemos observar que no período trabalhado continuou reafirmando-se a mesma estrutura narrativa: sete estudantes secundaristas desaparecidos por terem lutado pelo boleto estudantil secundarista. Esta versão é sustentada não só por aqueles que facilmente se identificavam com a recuperação dos desaparecidos e que afirmavam vínculos com eles e com sua luta pelo ensino público: os jovens. Os meios de comunicação, com a aproximação do 16 de setembro, apresentavam-no como um paradigma da violência; uma noite trágica na qual sete estudantes que lutaram pelo boleto estudantil secundarista foram sequestrados, e seis desaparecidos. As autoridades instituídas, ao participarem das homenagens, também compartilhavam o mesmo relato: de acordo com Hugo Sanguitini, secretário de Educação da Província de Buenos Aires, o sequestro e a desapareição foram marcados pela

¹⁰ CERRUTI, Gabriela. “La historia de la memoria”. In: **Puentes. Revista de la Comisión Provincial por la Memoria**. La Plata, ano 2, n.3, marzo 2001, p. 20; SALVI, Valentina. “Entre el olvido y la victimización: transformaciones en la narrativa sobre la ‘reconciliación nacional’”. In: **La sociedad argentina hoy frente a los años ’70**. Buenos Aires: Eudeba, 2010, p. 375; CANELO, Paula. “Consideraciones sobre la subordinación de las Fuerzas Armadas argentinas durante los años noventa”. In: PUCCIARELLI, Alfredo Raúl. **Los años de Menem: la construcción del orden neoliberal**. Buenos Aires: Siglo XXI Eds., 2011, pp. 79-82.

¹¹ Archivo DIPBA, Mesa A, Factor Estudiantil, Legajo 78/90, Folio 166,169, 173-178.

loucura e pela crueldade, pois “*se trató de niños de muy corta edad que pedían algo tan elemental como el boleto estudiantil*”. Reiteram-se assim a inocência das vítimas dos procedimentos policiais de setembro de 1976 e La Plata, e de uma sociedade argentina que, durante à ditadura, esteve à mercê da barbárie da violência ditatorial.¹²

Entretanto, no ano de 1996, surgiram algumas *resistências* à circulação desse relato consagrado. Em entrevista ao jornal *Página/12*, em 15 de setembro, Pablo Díaz apontou a situação contraditória que se colocara para ele, como sobrevivente, sobre como contar o que viveu. Se até então a sua condição legitimava-o como porta-voz de uma memória, pela primeira vez a esta memória são atribuídos alguns limites. Além disso, o jornal *La Nación* publicou uma nota, em 17 de setembro, anunciando o surgimento de um novo personagem vinculado ao episódio, questionando o protagonismo de Pablo Díaz como único sobrevivente. Tratava-se de Emilce Moler, que se auto-definia como uma *ex detenida-desaparecida* e defendia a necessidade de que a recordação se estendesse a outros companheiros ausentes, que mereciam a mesma homenagem dos seis jovens desaparecidos de *la noche de los lápices*. O seu testemunho ia além de uma recuperação da experiência do sequestro e do desaparecimento, trazendo à tona as dificuldades encontradas para reinserir-se socialmente e para terminar os seus estudos, após ser legalizada; e os efeitos da sua reaparição para a sua família à qual foi colocada a exigência de que deixasse a cidade de La Plata. Por último, a vigilância da DIPBA permite-nos encontrar a circulação de problematizações à versão consagrada do episódio: em ocasião de um ato em uma escola, na cidade de San Nicolás, um ex militante da *Juventud Peronista* enviou uma carta à diretora do estabelecimento, na qual pedia que se explicasse os fatos a partir de uma perspectiva que não restringisse sua explicação à luta pelo boleto estudiantil secundarista, mas a adesão da luta armada como método de levar adiante os ideais de uma geração.¹³

¹² Archivo DIPBA, Mesa A, Factor Estudiantil, Legajo 78/90, Folios 104, 106, 110, 112, 113, 175.

¹³ Archivo DIPBA, Mesa A, Factor Estudiantil, Legajo 78/90, Folios 99-100. 172, 175.